



A COMPREENSÃO DA DISCRIMINAÇÃO SOCIAL POR MEIO DA LEITURA DE UMA CRÔNICA DE RUBEM BRAGA¹

UNDERSTANDING SOCIAL DISCRIMINATION THROUGH THE READING OF A CHRONICLE BY RUBEM BRAGA

José Ricardo Carvalho²
Kelly Cristina de Oliveira Passos³

Resumo: Este trabalho analisa atividades de interação com o gênero crônica por alunos do nono ano do ensino fundamental com vista a observar procedimentos didáticos que orientam para um olhar sobre conteúdos temáticos de forma reflexiva e crítica. Para isso, acompanhamos os gestos de interpretação dos conteúdos temáticos representados pelos agentes que escrevem uma crônica, examinando as operações sociocognitivas realizadas pelo leitor para elaborar o sentido ao texto lido. Desta forma, apresentamos os procedimentos de análise da arquitetura textual e compreensão do contexto de produção da crônica “O natal de Severino Jesus”, de Rubem Braga em uma abordagem sociodiscursiva.

Palavras-chave: leitura; gênero crônica; interacionismo sociodiscursivo, compreensão ativa, contexto de produção.

Abstract: This paper analyzes interaction activities with the chronic gender by students in the ninth grade of elementary school in order to observe didactic procedures that guide a look at thematic contents in a reflexive and critical way. For that, we follow the gestures of interpretation of the thematic contents represented by the agents who write a chronicle, examining the socio-cognitive operations carried out by the reader to elaborate the meaning of the text read. In this way, we present the procedures for analyzing the textual architecture and understanding the context of the production of the chronicle “O natal de Severino Jesus”, de Rubem Braga in a sociodiscursive approach.

Keywords: reading; chronic gender; sociodiscursive interactionism, active understanding, production context.

¹ Artigo recebido em 28/05/2019 e aceito para publicação em 15/12/2019.

² Professor Associado do Departamento de Letras Vernáculas da UFS. Professor permanente do PROFLETRAS da Unidade de Itabaiana-UFS. Líder do GEADAS. Orcid: [0000-0001-6196-5824](https://orcid.org/0000-0001-6196-5824). E-mail ricardocarvalho.ufs@hotmail.com

³ Mestranda em Letras pelo PROFLETRAS da Unidade de Itabaiana-UFS. Bolsista CAPES 2018/2020. Professora da Rede Estadual e Municipal da Bahia. Participante do grupo de pesquisa GEADAS. E-mail kellycris_coelho@yahoo.com.br

O ensino de leitura está atrelado a diferentes modelos que privilegiam atividades sociocognitivas no processo de compreensão e interpretação do texto. Destacamos o modelo interacionista (relação autor-texto-leitor) como proposta para aulas que assumem uma abordagem de leitura de compreensão responsiva. Tal procedimento se sustenta em postulados defendidos pelo Interacionismo Sociodiscursivo (doravante ISD). Nessa abordagem, a análise do texto não fica restrita apenas à sua superfície (cotexto), mas ao contexto de produção de quem escreve e ao contexto de quem lê o texto, em um processo de atualização e ressignificação dos sentidos produzido junto ao texto. O texto, então, corresponde a uma atividade interativa entre autor e leitor, inseridos em práticas sociais e discursivas.

De acordo com os PCNs (1998), o ensino de língua portuguesa deve estar voltado para a função social da língua. Então, o trabalho com os gêneros textuais é de grande relevância, especificamente, com o gênero crônica que é um texto de cunho reflexivo que se aproxima das questões vividas no cotidiano das práticas sociais. Trabalhando o gênero textual, na perspectiva interacionista ISD, podemos observar o modo como se constitui o texto e seu processo de textualização e discursivização de forma articulada. Sendo assim, a produção de sentido de uma crônica, como unidade comunicativa, depende da análise de diversos aspectos da sua construção como, por exemplo, o reconhecimento do contexto de produção, o domínio do conteúdo temático, a compreensão da arquitetura textual, o reconhecimento de vozes presentes no texto, a ancoragem dos espaços físicos e sociais inscritos no texto, as escolhas lexicais e as mudanças de planos enunciativos. Tudo isso contribui com resultados favoráveis ao domínio de capacidades de linguagem para ler um texto de forma crítica e compreensiva.

Para a superação dos problemas de leitura apresentados por alunos do ensino fundamental, a compreensão do texto, em nosso paradigma, é vista como um processo inferencial e interacional. Para tanto, buscamos atividades colaborativas que articulem papel do texto-leitor-autor situados em contextos de produção, ou seja, em um processo sociointerativo e cognitivo. Sendo assim, essa pesquisa compartilha uma experiência de leitura sociointerativa, valorizando o contexto de produção, o processo de textualização e enunciativos que apontam para posicionamentos ideológicos assumidos pelas vozes que se encontram nos textos lidos e no processo de interação.

Há casos em que para compreender o sentido do texto, é preciso deduzir (inferir), ou seja, concluir a partir de pistas fornecidas no próprio texto, confrontando-as com a realidade; ativando os conhecimentos prévios do leitor por meio de estratégias de leitura. Outro elemento a ser trabalhado na análise de texto é o processo de intertextualidade. É consenso que não há texto puro, uma vez que todo texto dialoga com outros textos, ou seja, todos os textos mantêm relação intertextual. Segundo o postulado dialógico de Bakhtin (1992), um texto (enunciado) nem existe e nem pode ser avaliado e/ou compreendido isoladamente, ele está sempre em diálogo com outros textos, sendo realizado em esferas sociais por meio de gêneros discursivos, que gera a compreensão responsiva do interlocutor. Nesta mesma linha de pensamento, a posição interacionista leva em conta a historicidade do ser humano; em primeiro lugar se interessa pelas condições sociais da espécie humana, de como desenvolveram modos particulares de organização social e formas de interação de caráter semiótico.

Desta maneira, o quadro epistemológico geral do ISD vê o estudo da língua voltado para a compreensão dos textos e não para categorias linguísticas isoladas. Sendo assim, o procedimento didático adotado é o trabalho com textos empíricos em situações reais de interação. A realização de leitura de uma crônica pode mobilizar diversos conhecimentos, exigindo do leitor o reconhecimento do contexto de produção, as vozes presentes no texto, as marcas linguísticas que remetem a espaços físicos e sociais, a temporalidade verbal. Tudo isso contribui para a leitura do texto e o domínio de capacidades de linguagem do aluno.

Nesse sentido, destacamos a noção de capacidade de linguagem descrita por Dolz, Pasquier e Bronckart (1993) como aptidões necessárias para a construção de sentido de um texto em uma determinada situação de interação. Os autores apontam para três capacidades necessárias para interagir verbalmente: capacidade de ação, capacidade discursiva e capacidade linguístico-discursiva. Para desenvolver capacidades de linguagem (CL), os autores afirmam que toda sequência didática precisa relacionar problemas de linguagem em diferentes níveis, correlacionando com operações de linguagem em funcionamento: a) representação do contexto social (capacidade de ação – CA), b) estruturação discursiva do texto (capacidade discursiva – CD); c) mobilização de unidades linguísticas ou de textualização (capacidade linguística-discursiva – CLD). Apesar de serem descritas por níveis, essas capacidades estão entrelaçadas e se organizam de forma combinada. Segundo Dolz e Schneuwly (2004), as

capacidades de linguagem estão relacionadas às aptidões requeridas do indivíduo para a sua ação linguageira, o que se pressupõe sempre a mediação instrumental de um gênero de texto que funcionam como um instrumento semiótico que orienta o processo de interação.

Quadro 1- Capacidades de linguagem

CAPACIDADES DE AÇÃO	CAPACIDADES DISCURSIVAS	CAPACIDADES LINGÜÍSTICO-DISCURSIVAS
Essa capacidade possibilita saber a prática social ao qual o gênero está vinculado e a forma como o texto está organizado, traz o contexto de produção, reagrupados em com dois conjuntos: ambiente físico e social e subjetivo (sociossubjetivo), ou melhor explicitando, apresenta os parâmetros de referência do agente produtor: 1º plano - lugar e momento de produção, emissor, receptor; 2º plano - lugar social e posição social do enunciador e do destinatário e, objetivo/finalidade da interação.	Essa capacidade constitui a infraestrutura geral do texto (nível mais profundo). Possibilita o agente-produtor fazer escolhas entre os tipos de discursivo e sequências.	Essa capacidade permite ao agente produtor realizar operações linguísticas, com 1. os mecanismos de textualização: conexão, coesão nominal e coesão verbal; 2. os mecanismos de enunciação: vozes (autor, sociais, personagens) e modalizações (lógicas, deónticas, apreciativas e pragmáticas). Possibilita, assim, ao agente produtor obter operações linguístico-discursivas implicadas na produção de texto.

Fonte: (Adaptado de BARROS, 2012, p.16)

Reafirmamos que as capacidades de linguagem não são isoladas e estanques, pois elas atuam de forma interdependente nas ações de linguagem estabelecidas no plano da interação. Schnewly (2004) afirma: “uma situação só pode ser concebida, conhecida como situação (...) de ação de linguagem de um certo tipo, na medida em que um gênero está disponível” (p.161). Percebe-se, nesse contexto, que os gêneros são instrumentos construídos sócio-historicamente, mas que são adaptáveis a nova situação e isso geram novos exemplares, então, são meios dinâmicos e interativos do processo de comunicação verbal que depende da escolha do agente-produtor para realizar uma ação de linguagem situados em um contexto de produção que sempre se configura de forma ideológica, considerando as formações discursivas e práticas sociais.

O gênero crônica

A origem da palavra crônica, no seu sentido mais remoto, está associada ao vocábulo “khrónos” (grego) e “chronos” (latim) que significa tempo. Então, para os antigos a palavra designava relatar os acontecimentos históricos, verídicos, numa ordem cronológica sem precisar se aprofundar ou interpretar os fatos. Nesse período, ainda era preso ao fato jornalístico, sem considerar a visão de mundo e a opinião do autor, como uma notícia propriamente. A crônica é um gênero híbrido que mistura o ficcional (literário) com a realidade (jornalismo) para ponderar sobre várias situações vividas no cotidiano, convida os leitores à reflexão em um tom sério, poético, filosófico ou humorístico. São características desse gênero: ligada à vida cotidiana; narrativa informal, familiar, intimista (linguagem coloquial); sensibilidade no contato com a realidade (dose de lirismo); leveza: diz coisas sérias por meio de uma aparente conversa fiada; é um pequeno texto, não passa de um dia para o outro; geralmente possui uma crítica indireta; as crônicas, em geral, são publicadas em jornais, revistas, *blogs* e antologias; o escritor parte de situações particulares, que muitas vezes funcionam como metáfora de situações universais; e o cronista dialoga com o leitor.

O cronista registra os acontecimentos da vida cotidiana, principalmente, utilizando uma linguagem que se aproxima da oralidade em tom coloquial que se mescla com recursos da linguagem literária. O cronista, a partir das suas experiências, convida o leitor à reflexão, deixa que seu lado sensível e espontâneo provoque outras visões, que questiona, critica, concorda, discorda de fatos sociais e culturais. Por conseguinte, o cronista pode trabalhar sobre qualquer assunto e cada um com seu próprio estilo. Esse gênero pode ter várias classificações: descritiva, narrativa, dissertativa, lírica (ou poética), reflexiva, humorística, metafísica, jornalística, policial, esportiva, teatral, visual, enfim, há uma infinidade de classificações ou subclassificações. Em nosso trabalho, destacamos a crônica de reflexão social.

Um dos representantes da crônica reflexiva é Rubem Dias Ferro Braga (1913-1990), pois reflete sobre a essência da condição humana. O autor traz um lirismo reflexivo nos seus textos, convidando o leitor a (re)pensar sobre as complexidades da vida. Capixaba de Cachoeiro de Itapemirim, no Espírito Santo, publicou suas primeiras crônicas no jornal Correio do Sul, de propriedade de seu pai, em 1929. Escreveu para diversos jornais, fazendo críticas sociais, denunciando injustiças e

combatendo governos autoritários de forma dura e firme. Por conseguinte, foi preso duas vezes durante o Estado Novo e investigado durante a ditadura militar por criticar a censura militar.

Com estilo irônico, lírico e bem-humorado, defendia seu ponto de vista, abordando assuntos do dia a dia, falando, muitas vezes, de si mesmo. Apesar de ser formado em direito (em 1932), pela Faculdade de Direito de Belo Horizonte, nunca exerceu a profissão. Dirigiu a página de crônicas policiais no *Diário de Pernambuco*, fundando em Recife e no periódico *Folha do Povo*. Foi também correspondente de guerra junto à Força Expedicionária Brasileira, durante a Segunda Guerra Mundial. Exerceu a função diplomática em Rabat, Marrocos, atuando também como correspondente de jornais brasileiros. Ao regressar do exterior, exerceu o jornalismo em várias cidades no país, fixando domicílio no Rio de Janeiro, onde escreveu crônicas e críticas literárias para o *Jornal Hoje*, da Rede Globo.

Destacaremos nesse artigo, a crônica “O natal de Severino de Jesus” que se encontra na antologia “Ai de ti, Copacabana”. A obra foi lançada em 1962, composta por 61 crônicas. Os dez primeiros textos foram escritos em Santiago do Chile, onde chefiou o Escritório Comercial do Brasil, órgão do Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio, exercendo função diplomática, sendo exonerado a pedido em novembro do mesmo ano. A crônica “Natal de Severino de Jesus”, escrita em 1958, retrata a questão do menor abandonado. O autor faz crítica tanto ao governo, quanto aos programas que deveriam ser de proteção à criança – SAM (Serviço de Assistência aos Menores), antiga Febem e, na atualidade Fundação Casa.

Quadro 2 – Contexto de produção: “Natal de Severino de Jesus”

CONTEXTO FÍSICO	CONTEXTO SOCIOSSUBJETIVO
O lugar físico de produção: ano de 1958, jornal Diário de Notícias.	O lugar social onde o texto é produzido: Rubem Braga assume a função de cronista para mostrar a partir da ficção algo real naquele momento. A população pobre migrante – Ceará, principalmente - vivenciou e enfrentou diversos percalços – fome, superlotação, doenças e ausência de condições sanitárias – existentes na Hospedaria Getúlio Vargas, entre os idos de 1943 e 1959.
O momento de produção: o texto foi escrito na década de 1950. Os jornais do Ceará anunciavam que morriam diariamente uma ou duas crianças, pela escassez de alimentos na Hospedaria Getúlio Vargas.	Os objetivos da interação: - Refletir sobre o problema do menor abandonado na sociedade - fazer uma leitura reflexiva para perceber que as instituições, na maioria das vezes, não desejavam de fato, melhorar a situação do menor abandonado.
O emissor: cronista Rubem Braga.	A posição social do emissor: um jornalista que busca assunto no cotidiano para escrever suas crônicas de cunho reflexivo.
O receptor: leitores do jornal diário de notícias.	A posição social do receptor ou destinatário: leitores de classe social mais elevada que têm hábito de acompanhar a coluna jornalística voltada para a crônica.

Fonte: (Adaptado de BRONCKART, 2007, p. 93-94).

A produção da crônica “Natal de Severino de Jesus” está vinculada a acontecimentos sociais desencadeados pela seca no Ceará em 1958. Conforme notícias dos jornais da época, pois o autor se apropriou desse acontecimento para gerar um diálogo entre a vida cotidiana e o discurso bíblico. Muitos trabalhadores foram recrutados, sobretudo do Ceará, para a exploração da borracha nos seringais da Amazônia. A população pobre migrante vivenciou e enfrentou diversos percalços – superlotação, doenças e ausência de condições sanitárias – existentes na Hospedaria Getúlio Vargas, entre os idos de 1943 e 1959. A ausência de condições sanitárias nas dependências das hospedarias era responsável pela proliferação de diversas doenças, que atingiam, sobretudo, as crianças.

Outro grave problema era a fome. Os jornais do Ceará anunciavam que morriam diariamente uma ou duas crianças, pela escassez de alimentos nesse recinto de hospedagem. Muitos retirantes barrados na “Getúlio Vargas, arrancharam-se debaixo dos cajueiros existentes nas proximidades e ali muitos deles ficavam mais de um mês, esperando. O jornal Tribuna do Ceará noticiava que “levas de flagelados” invadiam mercados e saqueavam as feiras livres de Fortaleza “em virtude da carência de recursos na Hospedaria Getúlio Vargas”. (Tribuna do Ceará-CE, 22 de abril de 1958).

A partir da notícia publicada no jornal Tribuna do Ceará, em 1958, o cronista escreveu um conjunto de reflexões que dialoga com o leitor, propondo um debate sobre questões políticas e sociais. Na crônica “Natal de Severino de Jesus”, Rubem Braga capta os momentos que refletem a essência da condição humana com estilo irônico e lírico. A partir de suas vivências e lembranças o autor reflete sobre as mazelas sociais que a nosso ver ainda se repetem no século XXI. Diante disto, desenvolvemos, então, uma proposta de análise dessa crônica, sob a perspectiva do interacionismo sociodiscursivo, para alunos do nono ano do ensino fundamental. Consideramos, inicialmente, o segmento narrativo que convida o leitor a imaginar como Jesus Cristo seria recebido na sociedade do século XX. A construção dessa narrativa hipotética suscita uma série de questionamentos sobre as ações sociais diante da miséria alheia.

Trecho 1: “Natal de Severino de Jesus”

Severino de Jesus não seria anunciado por nenhuma estrela, mas por um mero disco voador.

Que seria seguido pela reportagem especializada.

O qual disco desceria junto à Hospedaria Getúlio Vargas, em Fortaleza, Ceará, abrigo de retirantes.

Porém, Jesus não estaria na hospedaria, por falta de lugar.

Nem tampouco estaria no conforto de uma manjedoura.

Jesus estaria no colo de Maria, em uma rede encardida, debaixo de um cajueiro.

Porque é debaixo de cajueiros que vivem e morrem os meninos cujos pais não encontram lugar na hospedaria.

E Jesus estaria desidratado pela disenteria.

Mas sobreviveria, embora esquelético.

E cresceria barrigudinho. [...]

Fonte: (BRAGA, 2008, p.149)

Percebemos a exposição de um conflito vivido por menores abandonados, mas não observamos uma resolução, ou seja, os acontecimentos são simplesmente dispostos em ordem cronológica sem um final satisfatório conclusivo. Nesse contexto, a crônica “Natal de Severino de Jesus”, de Rubem Braga, não se preocupa em narrar uma história, mas expor um problema que não há uma solução, fazendo o texto se organizar na forma de *script*, não constituindo todos os segmentos de uma narrativa canônica. Desta forma, o texto deixa espaço para o leitor

refletir sobre os fatos cotidianos a partir da abordagem do mundo discursivo hipotético construído pelo autor.

Quadro 3: adaptado da sequência narrativa: crônica “Natal de Severino de Jesus”

SEGMENTOS	ANÁLISE
<p>SITUAÇÃO INICIAL Severino de Jesus não seria anunciado por nenhuma estrela, mas por um mero disco voador. Que seria seguido pela reportagem especializada. O qual disco desceria junto à Hospedaria Getúlio Vargas, em Fortaleza, Ceará, abrigo de retirantes. Porém, Jesus não estaria na hospedaria, por falta de lugar. Nem tampouco estaria no conforto de uma manjedoura. [...]</p>	<p>Há um narrador-expositor que inicia a crônica dialogando com o leitor sobre uma possibilidade do personagem, Severino de Jesus, menor abandonado, ser anunciado por um “mero” disco voador e alvo de reportagens especializadas.</p>
<p>TRANSFORMAÇÃO Mas sobreviveria, embora esquelético. E cresceria barrigudinho. E não iria ao templo discutir com os doutores, mas à Televisão responder a perguntas. E haveria muitas perguntas cretinas. Tais como: Por que, sendo filho do Espírito Santo, você foi nascer no Ceará e não em Cachoeiro do Itapemirim? Jesus sorriria. E desceria para o Nordeste. E para viver, Jesus iria para o mangue catar sururu. E desceria depois em um pau-de-arara até o Rio. Onde faria vários serviços úteis, tais como:Levar a trouxa de roupa suja de Maria.Tocar tamborim. Entregar cigarros e maconha. [...]</p>	<p>Percebe-se no enredo algumas situações excludentes as quais Severino de Jesus é submetido. O narrador mostra que Jesus é um menino pobre, nordestino (Ceará) que não encontra lugar na Hospedaria Getúlio Vargas. Viveria, portanto, debaixo de árvores (cajueiros) e teria uma vida desgraçada; ficaria desidratado, seria catador de sururu, migraria para o sul em um pau-de-arara, lavaria roupa, assaltaria, entraria para o tráfico, seria egresso SAM</p>

<p>SITUAÇÃO FINAL</p> <p>Mesmo porque até hoje ninguém sabe o que fazer com um egresso do SAM. Ele não tem posses bastantes para ingressar na juventude transviada. Quem não ingressa continua egresso. Os meninos se dividem em externos, internos, semi-internos e egressos. O lema da bandeira se divide em ordem e progresso.</p> <p>Enquanto o verdadeiro Cristo nasce em todo Natal e morre em toda Quaresma. Eu conto essa história de Jesus menino, Severino de Jesus, para lembrar que: Aquele Jesus que era o Cristo, que Ele nos abençoe.</p> <p>Mas eu duvido um pouco que Ele nos abençoe.</p> <p>Ele está preocupado com seu irmão Severino de Jesus, que eu, autor, abandonei. Em vista do que ele se tornou o conhecido menor abandonado.</p> <p>[...]</p>	<p>O narrador-expositor termina com um tom pessimista, fazendo uma leitura reflexiva, mostrando que tanto a mídia quanto as pessoas beneficentes, o governo e até mesmo o próprio cronista não estão engajados, do ponto de vista prático, em resolver a problemática da criança e do adolescente abandonados.</p>
--	--

Fonte: autores citando Braga, 2008.

Para construção do mundo hipotético, o autor da crônica mobiliza seu discurso formas linguísticas para representá-lo. Destacamos as marcas temporais verbais no futuro do pretérito do modo indicativo, provocando o efeito de suposição e questionamento. Sendo assim, o narrador-expositor, na figura de autor, interroga e produz um relato interativo que convoca o leitor a se posicionar. Para a mudança do plano do narrar para o comentar, o autor faz uso de mudanças dos tempos verbais que o coloca na posição de crítico dos fatos relatados ao leitor. Desta forma, é possível notar a passagem de verbos no futuro do pretérito do indicativo para o presente do modo indicativo, acompanhados de modalizadores para marcar posicionamentos sobre os fatos. Observa-se que o narrador-expositor da crônica de Braga se vê implicado quando realiza comentários sobre a relação da sociedade com os menores abandonados, pois o próprio se coloca como alguém que não assume uma posição solidária:

Trecho 2: “Natal de Severino de Jesus”

E aqui **é** que a porca torce o rabo, porque não **sei** mais o que **vou fazer** com o **meu** herói. (par. 31)
[...]
Eu conto essa história de Jesus menino, Severino de Jesus, para lembrar que: Aquele Jesus que era o Cristo, que Ele nos **abençoe**. Mas **eu duvido** um pouco que Ele nos abençoe. Ele **está** preocupado com seu irmão Severino de Jesus, que **eu**, autor, **abandonei**. Em vista do que ele se tornou o conhecido menor abandonado. **É impossível** socorrer o menor abandonado, pois se assim se fizer ele deixará de ser abandonado. E se não houver menores abandonados várias senhoras beneficentes não terão o que fazer. E vários senhores que **falam** na televisão sobre o problema dos menores abandonados não terão o que dizer. E esta **minha** crônica de Natal não terá nenhuma razão de ser. (par. 38-46)

Fonte: (BRAGA, 2008, grifos nossos)

Ao final do enredo, a voz do autor se posiciona sobre a noção de natal difundida na sociedade capitalista. A narrador-expositor reconhece que o único a se preocupar, de fato, com o menor abandonado é Jesus, visto que até “eu, autor, abandonei”. Desta forma, o texto gera uma reflexão sobre o papel de cada um diante dos problemas enfrentados por quem não tem condições de sobrevivência.

Além de recursos linguístico-discursivos, é possível reconhecer que a crônica se sustenta em uma relação intertextual com a bíblia, especificamente, com o nascimento de Jesus Cristo. Há vários referentes que remetem a esse momento: Jesus, anunciado, estrela, manjedoura, Maria, Cristo, Natal, Quaresma, Jesus menino.

Trecho 3: “Natal de Severino de Jesus”

“Severino de **Jesus** não seria **anunciado** por nenhuma **estrela**, mas por um mero disco voador.”;
“Nem tampouco estaria no conforto de uma manjedoura.”
Jesus estaria no colo de **Maria**, em uma rede encardida, debaixo de um cajueiro.
“Enquanto o verdadeiro **Cristo** nasce em todo **Natal** e morre em toda **Quaresma**. Eu conto essa história de **Jesus menino**”;

Fonte: (BRAGA, 2008, grifos nossos)

A construção do tema do menino Jesus, nascido no Ceará, em situação de pobreza e abandono, em analogia ao nascimento de Jesus Cristo, promove uma reflexão sobre os muitos severinos desprezados e marginalizados na sociedade brasileira. Para construir a imagem do menor abandonado em sua crônica de forma singular, o autor constrói uma cadeia referencial que o qualifica como egresso do SAM e herói da resistência.

Por meio de retomadas da unidade fonte Severiano de Jesus, o narrador-expositor apresenta atributos de um ser que é marginalizado e perseguido.

Quadro 4: coesão nominal na crônica “Natal de Severino de Jesus”

SEGMENTOS	FUNÇÕES DE COESÃO NOMINAL
Severino de Jesus não seria anunciado por nenhuma estrela, mas por um mero disco voador. (par. 1)	Unidade fonte
Porém, Jesus não estaria na hospedaria, por falta de lugar. (par. 4) E seria roubado por um mendigo que o poria a tirar esmola na porta da igreja. (par. 24) Depois seria egresso do SAM. (par. 30) E aqui é que a porca torce o rabo, porque não sei mais o que vou fazer com o meu herói. (par. 31) Ele não tem posses bastantes para ingressar na juventude transviada. (par. 33) Em vista do que ele se tornou o conhecido menor abandonado. (par. 42)	Retomada

Fonte: Adaptado de (ARAÚJO e GONÇALVES, 2018, p. 172).

Nesse contexto, o narrador-expositor aponta para problemas sérios vividos pelo menor abandonado, descrevendo de forma irônica aqueles que falam sem seu nome como, por exemplo, as senhoras de classe média que promovem eventos para arrecadar fundos e ganhar visibilidade na sociedade e a imprensa que age de forma sensacionalista para ganhar audiência. Esses elementos contribuem para provocar ironia, demonstrando a hipocrisia social, promovidas pelos jornais, senhoras beneficentes e pelo próprio cronista que colhe fatos cotidiano para criar sua matéria jornalística-literária. O escritor faz, então, uma reflexão sobre a própria razão do ato de escrever a crônica: “E esta minha crônica de Natal não terá nenhuma razão de ser” (par. 46), caso a fatalidade dos menores abandonados não existisse.

A partir da leitura do texto “Natal de Severino de Jesus”, outras ações de linguagem foram se constituindo na prática da sala de aula, desencadeando a produção de outros textos orais e escritos. Os alunos desenvolveram um roteiro de um curta-metragem baseado na crônica lida, ampliando a discussão sobre o tema da discriminação social e do preconceito em relação a outras minorias (negros, homossexuais,

transsexuais e a mulheres). Depois do roteiro pronto, os alunos atuaram e editaram um vídeo que posteriormente foi passado para toda a classe.

Retomando a crítica que Rubem Braga faz às senhoras beneficentes, o curta-metragem produz um monólogo que atualiza a temática abordada, apresentando o contraste do discurso solidário defendido por Cristo com a aversão aos direitos do próximo, assumido pelas classes que possuem domínio econômico.

Observamos que a leitura da crônica, em um processo de ressignificação da realidade e de si mesmo, que desperta a ampliação de uma consciência crítica e reflexiva no leitor; na medida em que se observam procedimentos analíticos que assumem pontos discursivos inscritos em diferentes formações ideológicas.

Considerações finais

A escola como um dos lugares onde acontece as condições para produção e recepção de textos que são interpretados pelos sujeitos, necessita, portanto, trabalhar os movimentos discursivos em diversos gêneros, para não ficar preso, apenas às estruturas mentais e/ou linguísticas, uma vez que os gêneros é um fenômeno sociocultural como características linguísticas e discursivas passíveis de serem analisadas e interpretadas; para isso, a interação é um componente essencial para a comunicação e a construção de sentido, por meio do processo sociointeracional. Então, esse processo de leitura ocorre por meio de algumas estratégias que mobilizam operações linguístico-discursiva.

Sendo assim, essa pesquisa descreveu a aplicação de procedimentos que contribuem na formação do leitor de textos híbridos como a crônica. Ressaltamos as relações de fatos da vida cotidiana, os fatos históricos e a construção de um mundo virtual de caráter ficcional. Por meio do dispositivo 'sequência didática', proposto pelo ISD, realizamos adaptações à construção de uma proposta de leitura com o gênero crônica de modo interativo.

Nesse contexto, desafiamos os alunos a realizarem operações de compreensão textual a partir de atividades que explorassem: a) a contextualização das crônicas em seu momento de produção; b) o reconhecimento de procedimentos intertextuais com base na leitura de outros textos disponíveis no arquitexto que dialogam com a crônica lida; c) compreensão das vozes presentes nos textos que representam os personagens e as instâncias sociais; d) planificação do texto que contribui

para reconhecer diferentes momentos narrados e comentados no percurso textual; e) observação de descontinuidades e a retomada de conteúdos temáticos por meio de recursos coesivos presentes nas produções das crônicas lidas em sala de aula.

Esse conjunto de operações reforça a ideia de que o aluno pode desenvolver uma leitura de forma reflexiva, compreensiva e crítica, na medida em que se pode reconhecer diferentes modos de expor ideias e se posicionar sobre elas. Por meio das análises, observamos como o autor Rubem Braga seleciona criteriosamente as palavras do seu texto para dialogar com o leitor a respeito de temas sociais complexos.

Nesse contexto, foi possível refletir sobre a construção de diálogos do narrador-expositor com o leitor convocando-o a assumir posicionamento diante dos conteúdos temáticos atrelados a uma perspectiva de compreensão ativa. O professor, como mediador, indaga e assinala transformações e ruptura de espaços temporais e nas construções do mundo do narrar e do mundo do expor. Reconhecemos as contribuições do interacionismo sociodiscursivo como bússola orientadora das aulas de leitura sistematizadas voltadas para a formação do leitor sob uma perspectiva crítica e reflexiva.

Referências

ANGELO, G. **Revisitando o ensino tradicional de língua portuguesa**. 2005. 265 f. Tese (doutorado em Linguística Aplicada) – Universidade de Campinas, Campinas, 2005.

ARAÚJO, Paula Francinetti Ribeiro de; GONÇALVES, Adair Vieira. Aula de leitura: por uma articulação do estudo de gênero de texto como a análise linguística. **Revista Leia Escola**. Campina Grande, v. 18, n. 1, p. 157-177, 2018.

BAKHTIN, Michel. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

BARROS, Eliana Merlin Deganutti de. Transposição didática externa: a modelização do gênero na pesquisa colaborativa. **Raído**, UFGD, Dourados-MS, v. 6, p. 11-35, 2012.

BRAGA, Rubem. **Ai de ti, Copacabana**. 26. ed. Rio de Janeiro: Record, 2008.

BRONCKART, Jean-Paul. **Atividade de linguagem, textos e discurso: por um interacionismo sociodiscursivo**. 2. ed. São Paulo: EDUC, 2007.

INEP. SAEB 2017 revela que apenas 1,6 dos estudantes brasileiros do Ensino Médio demonstraram níveis de aprendizagem considerados adequados em Língua Portuguesa. Disponível em: <http://portal.inep.gov.br/web/guest/educacao-basica/saeb/resultados>. Acesso em: 15 de fev. 2019.

LEFFA, Vilson. J. **Aspectos da leitura: uma perspectiva psicolinguística.** Porto Alegre: Sagra-Luzzatto, 1996.

SCHNEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim. **Gêneros orais e escritos na escola.** Trad. Roxane ROJO E Gláís Sales Cordeiro. São Paulo: Mercado de Letras, 2004.

TODOS PELA EDUCAÇÃO. SAEB 2017: O que diz a última avaliação de aprendizagem do país. Disponível em: <https://www.todospelaeducacao.org.br/conteudo/saeb-2017-o-que-diz-a-ultima-avaliacao-sobre-a-educacao-do-pais>. Acesso em: 15 de fev. 2019.

VEJA. PISA 2018: Brasil tem sutis avanços, mas segue abaixo da média da OCDE. Disponível em: <http://veja.abril.com.br/educacao/pisa-2018-brasil-tem-sutis-avancos-mas-segue-abaixo-da-media-da-ocde/>. Acesso em: 06 de abr. 2019.